

Marcos Cruz

Os pés pelas mãos

coolbooks

Aviso prévio

Não sou gajo de ficar muito tempo na mesma história, entre o sossego da piscina e o assombro do mar nem vale a pena dizer o que prefiro. Fascinam-me os caminhos imprevistos que se abrem num raciocínio, razão pela qual muitas vezes prescindo do projecto inicial em favor do convite súbito.

Sou diletante, tenho essa veia permanentemente a latejar, não contem comigo para teses académicas ou postulados científicos. Não quero ser o melhor de nada, quero ver o melhor que posso. Incongruências, por isso, terei muitas.

Não sou um edifício, a minha raiz é alada. Acho que estes textos demonstram isso, dão a quem os lê a possibilidade de me apontar contradições, ainda que, ciente do conteúdo volátil que transporta, o meu registo raras vezes seja contundente, peremptório.

Interessam-me pouco as visões fechadas, os filmes acabados, os pontos finais. Uma porta é uma porta? Será, para efeitos práticos. Mas alguém me pode convencer de que a cadeira de Van Gogh é uma cadeira? Duvido.

Encanta-me a polissemia da realidade, quer na sua essência bruta quer depois vertida em textos, imagens ou sons. A poesia, para mim, implica o aberto, mesmo que subjaza ao poema a intenção de capturar o infinito.

Gosto de me ver como um multiplicador de dúvidas, um criador de mais e mais lugares para mais e mais pessoas. Tenho esse limite na veleidade ecuménica do que escrevo: a racionalidade. Pudessem

os animais, as plantas, os rios e as estrelas decifrar as palavras e nada me faria mais feliz do que tê-los como leitores.

Ainda assim, amo as palavras. São as contas do meu rosário, desta corda que vou desenhando e percorrendo como alguém que só sabe ser aprendiz de funâmbulo.

Os pés pelas mãos

A minha filha está na cozinha, em bicos de pés, a tentar chegar com as mãozitas a um pacote de bolachas que eu afastei o suficiente, julgo, da borda do balcão. Afinal, julgo mal: ela fez cair o pacote. Ponho-me a imaginar o que pensará ela sobre a conquista – se achará que foram as mãos as responsáveis, se atribuirá o mérito à inclinação dos pés, se premiará o conjunto ou se nem perderá tempo a reflectir sobre isso, que é o mais provável.

O meu pai está na cozinha, sentado, a dizer-me que a ciência, mesmo sendo um cemitério de hipóteses, é o único caminho para a verdade, ao passo que a filosofia é, na generalidade, um amontoado de disparates. Segundo ele, a filosofia é apenas um degrau, um degrau que está abaixo da ciência.

Eu pergunto-me, e pergunto-lhe por outras palavras, sem que ele mostre vontade de me ouvir, se esse degrau não estará para a ciência como os pés da minha filha estarão para as suas mãos na abordagem ao pacote de bolachas.

Prova superada

Imagina-te numa discoteca em que, ao soar de uma música conhecida, toda a gente converge para a pista. Por não estares seguro dos teus dotes rítmicos, ficas a ver. Dentro de ti, a vontade de participar no movimento colectivo debate-se com a falta de autoconfiança. Pões a hipótese de o melhor ser saíres dali, mas, depois de anteveres a violência de te reconheceres como um derrotado, como um incapaz, optas por dar a ideia de que te sentes bem assim, parado, apenas a olhar. Apoias-te, entretanto, na bebida e no tabaco – e, cada vez menos dono de ti, questionas-te também sobre se estas muletas não prejudicarão a imagem que estás a transmitir aos outros, se não te tornarão ainda mais fraco aos olhos do todo, de que não sentes fazer parte.

A páginas tantas, junto a uma pessoa tua amiga que se aproxima e pergunta por que não danças, tu assumes não conhecer o léxico dos passos, não sentir o ritmo, não acreditar nas tuas capacidades, enfim, tudo somado, confessas-lhe que és a pessoa errada no lugar errado.

Agora imagina que o lugar errado é o lugar, ponto. Não há outro. Tens de aprender a dançar. Rendido à inevitabilidade, já depois de aceite o facto de que prolongar a recusa só te vai causar mais sofrimento, percebes que, para te integrares, necessitas de superar os teus medos. Aí, a tua amiga ajuda-te a relativizar o peso dos outros, da massa dançante, dizendo que cada um está entregue a si mesmo, que se alguém olhar para ti e gozar contigo, com o teu processo de aprendizagem, é porque esse alguém não usa da verdade,

ele próprio não está seguro de si e assume a estratégia mais fácil e mais covarde para se legitimar ali, que é procurar sacudir para outra pessoa a chacota de que teme ser alvo. Tu, contudo, nesse momento, achas mais possível a mimese do que a expressão individual – estás nos antípodas da liberdade e só queres passar despercebido. A música, por outro lado, não bate cá dentro, não faz eco no teu corpo, não o aquece, só o petrifica.

A tua amiga passa por ti, pisca-te o olho e diz-te para sentires, mesmo parado. Diz-te para veres como um direito o que se te afigura como um dever. Diz-te que numa piscina há os que nadam impecavelmente, os que disparatam, os que brincam, os que chapinam, os que dão mergulhos, e todos se divertem. Tu reflectes e fazes um gesto tonto. Ris-te. Depois fazes outro. Ou seja, assumes o ridículo, é-te mais fácil, para início. Estás na margem oposta à do pretendido, mas estás porque queres, não porque almejaste a outra e, dando um passo maior do que as pernas, caíste ao rio. Pelo menos, sentes, já estás lá, no quadro grande, no todo. Pouco a pouco, vais pondo um pé na água, outro, molhas a perna até ao joelho, depois demoves-te, com o frio e a corrente, esperas um bocado, voltas a fazer o mesmo, depois as coxas, ainda sentado na margem, e alguma coisa, que já não alguém, que já não a amiga mas alguma coisa tua, uma voz interna, te vai dizendo que o processo não é assim tão mau, até provoca sensações curiosas, agradáveis.

Paralelamente, a ideia de chegares ao outro lado vai perdendo importância, embora com uma lentidão que retira nitidez a uma consciencialização tua das pequenas vitórias que grão a grão, como numa ampulheta que se vira ao contrário, estás a acumular. Mesmo que demores muito a sentir a utilidade deste trabalho pessoal para o todo, já sentes a utilidade pessoal de todo este trabalho, e isso é fundamental. Tens aí, de resto, um sinal claro de que o objectivo tende a abstractizar-se à medida que o processo se concretiza, ou seja, de que ele existe apenas para desaparecer, qual miragem no deserto, e isso, por paradoxal que pareça, não só não te demove

como te motiva, faz-te aumentar a capacidade de saborear as coisas, os momentos, cada vez com mais detalhe, dando-te a ideia de que a tua sensibilidade se subdivide, se reproduz, se multiplica.

O eu que fiscalizava dilui-se pouco a pouco no eu que se mexe e, de um modo cada vez menos racionalizado, entram ambos no ritmo, dançando juntos. O primeiro passo fluído da dança é o primeiro passo fluído da integração, o eu e o eu já só um, olhando o tu olhos nos olhos, com apetite. A partir de então, como numa penetração sexual, tudo se humedece e abre, espantosamente. Parece que o mundo é teu, mas é e não é, ou melhor, é tão teu como do outro. O orgulho da auto-superação leva-te a exhibires-te, a exagerar na presunção de domínio, a abusar do poder. A tua amiga aproxima-se e, gentilmente, pontua-te, lembrando-te que uma guerra ganha tem muitas batalhas perdidas.

A noite desliza contigo e, música a música, corpo a corpo, vais percebendo que um novo dia está para nascer. Sê bem-vindo.

Do vazio

António era um bife. Mal passado, passava mal. Mas tinha a resistência suficiente para lutar contra os que o queriam passar bem, pois sabia que “uma vez bem passado, bem passado para sempre”. Passava mal no presente, mais precisamente, já que o seu passado fora até bem passado, ou, como todos os passados, bem e mal passado. Em parte, era com isso que ele se passava: se, por um lado, “uma vez bem passado, bem passado para sempre” e, por outro, o seu passado havia sido bem e mal passado, ou seja, em parte, bem passado, porque não estaria ele bem passado no presente? Talvez, sem o ter presente, estivesse. Mas então por que razão passava mal?

Era um problema pesado, difícil de ultrapassar, e por isso António pediu ajuda. Foi ter com um bife que, por haver passado muito e (aparentemente) passar bem sem estar bem passado, talvez o pudesse fazer passar melhor no futuro, passando-lhe uma receita, ou algo assim, que o dispensasse de ser bem passado para deixar de passar mal. Era o melhor presente possível e, à beirinha do Natal, António passava o tempo todo, incluindo todo o tempo passado com o outro bife, a pedi-lo. Porém, passado pouco tempo, e vendo que António o havia passado mal a ansiar pelo momento de o passar a passar bem sem estar bem passado, o outro bife explicou-lhe que esse não era pedido que ele pudesse fazer a não ser a si próprio, pois nem ele, o outro bife, e muito menos o Pai Natal o poderiam satisfazer. Completamente passado, aqui já não interessa se bem se mal, António deixou o outro bife com um cortante “passar bem”

e foi para casa pensar que passaria a mais desconsolada consoada da sua mal passada existência.

Só, e descompassado com a ideia de que mais vale só que mal acompanhado, jantou um bife bem passado e passou o resto da noite a dormir, passando a linha do Natal sem se aperceber. Ao acordar, olhou para a árvore luzente que, apesar de tudo, havia comprado e percebeu que alguma coisa se tinha passado, pois no lugar do passado estava lá um presente. Entusiasmado, correu a abri-lo. Era uma bifana. Dormia como um anjo por nascer, mas já se constatava que era uma bela bifana, daquelas que fazem qualquer bife, mesmo o mais indefinidamente passado, como António, ultrapassar-se.

A incredulidade guiou-o, qual sonâmbulo, até à casa de banho, onde passou água pelos olhos. Foi então que, confrontado com o espelho, viu que não se via. O seu tempo, dizia-lhe a superfície das imagens avessas – e que ali estampava também a do Natal – tinha passado. António deixara de ser um bife para passar a ser nada, como acontece com todos os bifos. E não lhe restava sequer o consolo de, enquanto nada, pensar que quando fora um bife o havia sido mal passado, já que passara à história com essa incerteza.

Resignado, decidiu aprender com o passado e viver plenamente a espécie de segundo nascimento que lhe fora concedida. Outrora recém-nado, hoje recém-nada.

Nesse preciso momento, a bifana acordou.

Kiril

Há um cabeleireiro búlgaro que costuma tomar o café da manhã na padaria a que eu vou. Ao balcão, falamos sempre um bocadinho. Ele tem um ar triste, solitário, enegrecido, convalescente de uma dor funda, mas mostra-se espirituoso, mete-se com as empregadas, espevita-as e fá-las rir.

Como uma gaivota que desce a pique do céu cinzento para catar uma migalha, lá irrompe ele na padaria, directo ao seu canto do balcão, por norma junto a mim. O tempo de lhe tirarem o café é o que nos concede, nem mais nem menos. Depois bebe-o, paga e vai-se embora. Não posso falar pelos outros, mas, sem o confessarmos, acho que ficamos todos com pena de que ele não se demore mais um pouco.

Hoje, dei-lhe conta da minha aversão à febre de consumo que acomete cada Natal. Disse-lhe que se torna difícil combater esta ânsia acumuladora nas crianças, nunca satisfeitas com nada, sempre focadas no que ainda não possuem. E ele, que é divorciado e tem o filho a seu cargo, respondeu-me: “Eu juntei uns dinheirinhos e comprei uma wii para o meu rapaz brincar com os amigos. É a única prenda que dou. Sabes qual foi a reacção dele quando soube? Perguntou-me porque é que eu andava a gastar dinheiro em coisas de que ele não precisa”. Dito isto, virou-me as costas. Já na porta de saída, voltou-se outra vez, para rematar: “É a minha riqueza”.

E eu ponho-me a pensar: um pai sozinho num país estranho, sem familiares no seu entorno, contrariando os modelos parentais e contextuais em que se preconiza a correcta educação de uma

criança, tem pelos vistos um filho consciente, suficientemente estruturado para estabelecer uma equilibrada hierarquia de valores, cultivar o amor – coisa que se torna evidente quando aparecem os dois juntos, antes da escola – e viver satisfeito. Uma das empregadas da padaria, a Cilinha, vendo-me reflexivo, confirmou: “É mesmo assim, o miúdo”.

E eis como, de um olhar paternalista sobre o cabeleireiro búlgaro, eu passo para a estima fraternal e a vontade aprendizícia de lhe ser mais próximo. Ou a volta ao mundo no tempo de um café.